
PENSANDO O TURISMO SERTANEJO NOS MUNICÍPIOS DE CIPÓ E TUCANO (BAHIA) A PARTIR DOS CONCEITOS DE MEMÓRIA, HISTÓRIA E IDENTIDADE EM SEUS ENTRELAÇAMENTOS

Moema Maria Badaró Cartibani Midlej¹
Edivasco dos Reis Carneiro²

Recebido em 24/11/2010

Aprovado em 09/04/2011

¹ UESC. Doutora em Educação. moema@uesc.br

² UESC. Mestrando em Cultura e Turismo. edir.carneiro@ig.com.br

RESUMO:

O artigo propõe demonstrar a relevância do turismo sertanejo em municípios como Cipó e Tucano a partir das memórias e identidades de seus povos, como uma nova possibilidade de fortalecimento da atividade turística. Para tanto, fez-se necessário buscar em teóricos como Le Goff (1990), Ecléa Bosi (1994), Stuart Hall (2006), Pierre Nora (1993), Michael Pollak (1989) e Menezes (1999) as fundamentações necessárias para balizar as discussões deste artigo sobre memória, história e identidade em seus entrelaçamentos. A cultura de um povo, através das suas memórias e identidades, é dotada de diversos símbolos que compõem a totalidade da comunidade, muitas vezes é importante preservá-los durante as várias gerações, através da consciência da própria identidade e da valorização dos elementos simbólicos que integram seu cotidiano. Assim, o turismo sertanejo poderá auxiliar não somente no desenvolvimento econômico, mas, também, nos aspectos socioculturais destes municípios.

PALAVRAS-CHAVE:

Turismo sertanejo; Memória; História; Identidade.

1. INTRODUÇÃO

Diante do crescente interesse da demanda pelo turismo cultural, muitos destinos que já possuem outras modalidades de turismo estão buscando na cultura “[...] modelos agregadores de dinamização e de potencialidades como atrativos importantes no conjunto tradicionalmente ofertado aos visitantes” (ALMEIDA, 2007, p. 155). Nesse sentido, municípios como Cipó e Tucano (municípios da região semiárida da Bahia), que já possuem como atrativos as estâncias hidrominerais¹, podem, também, seguir este pensamento através da valorização de suas manifestações artísticas.

¹ Estes dois municípios passaram a ser conhecidos a partir de meados do século XVI quando as propriedades terapêuticas de suas águas foram descobertas, atraindo, desde então, visitantes de todo o país.

A valorização destas manifestações em municípios do interior se faz de maneira mais significativa porque, “no interior estão mais seguros a permanência dos valores culturais, o respeito à tradição, e sobretudo, o fato de que as comunidades fazem algo transcendente por eles respeitando sua identidade” (ULANOVSKY citado por CANCLINI, 2008, p. 161).

Nesse sentido, Canclini (2008, p. 161) acrescenta que

Preservar um lugar histórico, certos móveis e costumes é uma tarefa sem outro fim que o de guardar modelos estéticos e simbólicos. Sua conservação inalterada testemunha que a essência desse passado glorioso sobrevive às mudanças (CANCLINI, 2008, p. 161).

Desta forma, faz-se necessário discutir de que forma um lugar como o sertão consegue manter seu passado de forma tão singular através de suas memórias e histórias; conservando, por sua vez, a identidade do povo sertanejo.

Tanto a memória quanto a história de um povo estão diretamente ligadas às formações identitárias de seus indivíduos. Relembrar, discutir e entender as memórias e as histórias de determinada comunidade é de fundamental importância para compreender as identidades formadas neste lugar. Por conseguinte, através desta compreensão, estas identidades serão fortalecidas: este é um dos principais objetivos do turismo sertanejo.

Com isso, o artigo propõe demonstrar a relevância do turismo sertanejo em municípios como Cipó e Tucano a partir das memórias e identidades de seus povos, como uma nova possibilidade de fortalecimento da atividade turística.

Para tanto, fez-se necessário buscar em teóricos como Le Goff (1990), Ecléa Bosi (1994), Stuart Hall (2006), Pierre Nora (1993), Michael Pollak (1989) e Menezes (1999) as fundamentações necessárias para balizar as discussões deste artigo sobre memória, história e identidade em seus entrelaçamentos. O autor Giovanni Seabra também foi utilizado, já que o mesmo é a principal referência nas discussões sobre turismo sertanejo.

2. A MEMÓRIA E A HISTÓRIA NO TURISMO “DE UNS TEMPOS PRA CÁ”²

Para Le Goff (1990, p.423), a memória é “[...] um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”. Com esta definição, pode-se perceber que a memória esta sempre em reconstrução e possui funções sociais.

² Título de uma canção do cantor e compositor Chico César lançada em 2006 pelo selo “chita discos”.

Desta forma, as sociedades foram (re)construindo e (re)significando suas memórias ao longo dos tempos de maneiras diferenciadas. O aparecimento da escrita refletiu numa transformação profunda da memória coletiva das sociedades. A escrita permitiu um duplo progresso desta memória: a comemoração e o documento escrito como formas de memória coletiva. Esta passagem da oralidade à escrita transforma profundamente a memória coletiva, principalmente a “memória artificial” - memória ligada aos meios informacionais, escrita (LE GOFF, 1990).

A partir desta transformação, a história substitui a memória coletiva e, nesse sentido, o que está escrito (registrado) passa a ser tido como a memória de cada sociedade, o que irá refletir na criação de uma memória artificial, inventada ou, ao menos, contada com o olhar de quem a escreveu.

Leroi-Gourhan (citado por Le Goff, 1990) entende que a memória não é uma propriedade da inteligência, mas a base sobre a qual se inscrevem as concatenações de atos. Acrescenta, ainda, que a memória coletiva é manipulada desde sempre pelos grupos e indivíduos que dominaram e dominam as sociedades. Esta concepção remete ao fato de que a memória coletiva foi sempre influenciada pelo poder.

A partir do século XVIII surgem à memória jornalística e diplomática, onde a opinião pública, nacional e internacional constrói sua própria memória (LE GOFF, 1990). Este fator influenciará na (re)construção das identidades e das memórias de vários povos, principalmente a partir da globalização com os avanços no meios comunicacionais da imprensa.

O desenvolvimento do turismo, para Le Goff (1990), a partir do século XIX, dá um impulso notável ao comércio de *souvenirs* (lembranças), pois, esta atividade propicia aos turistas a sensação de poder “guardar”, por um determinado período de tempo, a memória construída durante a sua viagem.

Este é um reflexo das mudanças ocorridas na contemporaneidade, onde os indivíduos contam suas aventuras a partir de objetos ou de imagens fotográficas registradas, por não terem mais o hábito de simplesmente narrar estas aventuras, mesmo porque muitos turistas apenas passam e não vivem os lugares que visitam: fazem história e não (re)constróem a memória desses lugares.

Um aspecto relevante que o autor Le Goff aponta é que “[...] a memória se tornou um dos objetos da sociedade de consumo que se vende bem” (LE GOFF, 1990, p.472). Este fato decorre da conversão do olhar histórico, onde o grande público tem medo que ocorra uma perda de memória coletiva; assim, os mercadores de memória utilizam-na como objeto de consumo: um grande exemplo é a atividade turística que tem a possibilidade de transformar as memórias de um povo em produto turístico.

Vale salientar que o que se discute aqui não é a venda, mas como estas memórias estão sendo vendidas, ou melhor, estão sendo apropriadas pelo turismo através do uso da cultura de cada povo. Este fator irá depender do tipo de turismo que se quer implementar em determinada comunidade.

Nesse sentido, Le Goff diz que:

[...] a memória coletiva faz parte das grandes questões das sociedades desenvolvidas e em vias de desenvolvimento, das classes dominantes e das classes dominadas, lutando todas pelo poder ou pela vida, pela sobrevivência e pela promoção (LE GOFF, 1990, p.475).

Nesse aspecto, a atividade turística pode auxiliar na luta pela preservação e fortalecimento destas memórias que, muitas vezes, são ceifadas do contexto nacional, refletindo as desigualdades regionais existentes no país. Essas desigualdades são percebidas, principalmente, na região Nordeste que, para Albuquerque Jr. (2004), “[...] é filho da ruína da antiga geografia do país, segmentada entre “Norte” e “Sul”³ (ALBUQUERQUE JR, 2004, p. 39).

3. O FORTALECIMENTO DAS IDENTIDADES LOCAIS E DO TURISMO SERTANEJO A PARTIR DAS MEMÓRIAS DE UM POVO

Para entender e reconhecer as identidades de um povo é preciso conhecer suas memórias, mesmo por que:

A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar de identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia. Mas a memória coletiva é não somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder (LE GOFF, 1990, p. 476).

Este fato remete ao que acontece no turismo em muitas localidades: a comunidade local, muitas vezes, sequer participa do planejamento turístico, demonstrando um verdadeiro descaso por parte dos agentes planejadores da atividade. Este artigo demonstra, por sua vez, que é possível pensar um turismo de forma participativa (nesse caso, o turismo sertanejo), dando voz e vez à comunidade local de municípios como Cipó e Tucano através do estudo de suas manifestações artísticas, as quais representam suas memórias, suas histórias e fortalecem suas identidades.

³ Ver capítulo 1 (Geografia em ruínas) do livro “A invenção do Nordeste e Outras Artes” de Albuquerque Jr.

Desta forma, concordando com Le Goff, conhecendo e fortalecendo estas memórias e identidades locais, estas comunidades passarão, assim, a atuar de forma equitativa no desenvolvimento turístico na região. Assim, é preciso resgatar e fortalecer a memória, pois “a memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro” (LE GOFF, 1990, p. 477).

Na concepção de Ecléa Bosi (1994), a memória

[...] permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo ‘atual’ das representações [...] A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora (BOSI, 1994, p. 9).

Ademais, diz que “[...] a memória é essa reserva crescente a cada instante e que dispõe da totalidade da nossa experiência adquirida” (BOSI, 1994, p.10). Vale acrescentar que, mesmo em municípios de pequeno porte como Cipó e Tucano, ou até mesmo em comunidades lá existentes como o povoado de Tracupá onde se confecciona artesanato em couro, existem diversas histórias e memórias valiosas e ímpares.

Sendo a memória uma reserva crescente e que dispõe da totalidade da experiência adquirida, esta pode ser transmitida através das manifestações artísticas de um povo. Então, estudar estas manifestações é entender como as memórias destes municípios foram (re)construídas ao longo do tempo na formação de suas culturas, o que irá, sobremaneira, fortalecer as identidades locais.

Para Halbwachs citado por Bosi (1994, p. 17), “[...] lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho é trabalho”. Acrescenta, ainda, que a memória sofre interferência quando há qualquer alteração no ambiente. Para além, diz que o instrumento socializador da memória é a linguagem.

Entendendo que a manifestação artística é a comunicação (linguagem) própria de determinada cultura, é através destas manifestações que será possível preservar a identidade do povo sertanejo. Uma das manifestações artísticas mais representativas da cultura sertaneja são as narrações através dos *causos*⁴, que são um traço marcante dessa cultura.

Entretanto, segundo Bosi (1994), a arte de contar histórias decaiu por causa das influências do mundo moderno, onde tudo é, cada vez mais, veloz e efêmero. Um mundo em que conselho

⁴ Os “causos” são histórias contadas, geralmente, através da literatura de cordel, dos repentes ou de uma viola apenas. Podem estar relacionados a fatos puramente inventados ou a fatos reais que, muitas vezes, ganham um reforço do humor em suas narrações.

virou opinião, que narração virou informação, a qual desinforma a sociedade, refletindo numa padronização e numa homogeneização da mesma.

Contudo, Hall (2006) aponta que existe uma contratendência em relação à padronização e homogeneização provocados pelo fenômeno da globalização que é a “[...] fascinação com a diferença e com a mercantilização da etnia e da ‘alteridade’. Há, juntamente com o impacto do ‘global’, um novo interesse pelo ‘local’” (HALL, 2006, p. 77).

Neste contexto, o turismo sertanejo pode reforçar, ou melhor, resgatar estas narrações, principalmente em uma região que nas palavras de Seabra (2008, p.1), “[...] corresponde às terras continentais, cujo isolamento proporcionou o desenvolvimento de uma cultura própria, baseada numa história rica em acontecimentos, marcada de lutas, bravuras, lendas, ritos e mitos”. Por possuir esta riqueza cultural, as narrações, através dos causos e das prosas, por exemplo, que são comuns nesta região, podem ser muito bem utilizadas para o desenvolvimento do turismo nestes municípios.

A importância da narração em uma região que possui valores culturais riquíssimos, como o semiárido baiano através dos causos, da literatura de cordel, dos repentistas, das prosas, entre outros, é fundamental para valorizar a sabedoria dos mais velhos e, conseqüentemente, servir como mais um atrativo turístico para a região.

4. O TURISMO SERTANEJO FRENTE ÀS METAMORFOSES DO MUNDO CONTEMPORÂNEO

Para Pierre Nora (1993), o apogeu do crescimento industrial refletiu no fenômeno da mundialização da sociedade, o que, por sua vez, refletiu no fim das ideologias-memórias sendo “[...] o modo mesmo da percepção histórica que, com a ajuda da mídia, dilatou-se prodigiosamente, substituindo uma memória voltada para a herança de sua própria intimidade pela película efêmera da atualidade” (NORA, 1993, p. 8).

Este fenômeno, segundo a autora, revela uma brusca distância entre a memória verdadeira e a história, diferindo o passado do presente. Acrescenta, ainda, que a história se difere da memória desde que haja rastro, distância e mediação. A memória é vida, é sempre atual, afetiva, intemporal e absoluta enquanto que a história representa o passado, é datada, referencia-se no tempo e no espaço, é relativa e pretende ser universal.

Atualmente não existe memória e sim história. E esta memória é vivida não mais no interior e sim no exterior através de suportes e de referências tangíveis. Este fato decorre à medida que desaparece a memória tradicional e a sociedade, por sua vez, sente a necessidade do acúmulo de

vestígios, documentos, imagens e discursos que comprovem suas experiências vividas (NORA, 1993).

Nesse sentido, a atividade turística utiliza esta “necessidade” para vender os chamados *souvenirs* que servem, justamente, para manter a vivacidade e a veracidade das lembranças do turista no local visitado. No caso dos municípios de Cipó e Tucano, estes *souvenirs* podem ir do artesanato em couro do povoado de Tracupá (pertencente ao município de Tucano) às redes confeccionadas pelas rendeiras da rua dos argentinos em Cipó.

Faz-se necessário resgatar e fortalecer as memórias e identidades destas comunidades através do estudo de suas manifestações artísticas, pois “todos os corpos constituídos, intelectuais ou não, sábios ou não, apesar das etnias e das minorias sociais, sentem a necessidade de ir em busca de sua própria constituição, de encontrar suas origens” (NORA, 1993, p. 17).

Assim, as crianças e os jovens destas comunidades, os quais, muitas vezes, nem sabem que existem tais manifestações, vão entender como suas famílias foram (re)construídas culturalmente ao longo do tempo e ,conseqüentemente, irão valorizar suas tradições, suas origens; enfim, suas próprias culturas.

Segundo Nora (1993), a relação que a sociedade contemporânea tem com o passado não é a mesma, pois existe uma descontinuidade no tempo onde os indivíduos apenas representam o passado, onde existe uma “[...] memória retiniana e poderosamente audiovisual” (NORA, 1993, p.20).

Contudo, em alguns lugares do semiárido baiano, este passado ainda é vivido de forma instigante através de comunidades que, pelo fato de terem vivido “isoladas” durante muito tempo, possuem características peculiares em relação às suas tradições, histórias e suas memórias.

Manter este passado é um dos objetivos do turismo sertanejo, a partir do incentivo “[...] às manifestações culturais, como os costumes, o folclore, a cultura e as tradições regionais e locais” (SEABRA, 2007, p. 9).

Para Michael Pollak (1989) é a memória coletiva que “[...] ao definir o que é comum a um grupo e o que o diferencia dos outros, fundamenta e reforça os sentimentos de pertencimento e as fronteiras sócio-culturais” (POLLAK, 1989, p. 3).

Nesse sentido, ao passo que esta memória é vivenciada ou relembrada, como, por exemplo, no caso das manifestações artísticas existentes nos municípios de Cipó e Tucano, as identidades são reforçadas e, por conseguinte, suas culturas.

Concordando com o autor citado (1989, p. 9) que entende que “a referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõe uma sociedade, para definir seu lugar respectivo [...]”, este artigo mostra que é preciso entender o passado, através das

manifestações artísticas existentes nos municípios de Cipó e Tucano, para manter a coesão dos grupos existentes, fortalecendo, assim, suas identidades a partir do desenvolvimento do turismo sertanejo na região.

Numa outra perspectiva, Menezes (1999), aborda a memória e a história na sociedade contemporânea, entendendo que a comunicação de massa e o mercado reforçam a necessidade de “preservação” e “resgate” das memórias na contemporaneidade.

Assim, a cultura de um povo, através de suas memórias e identidades, se sobressai como um símbolo de resistência e luta ante esta padronização global que a comunicação de massa e o mercado impõem, pois é algo particular e heterogêneo, principalmente numa região com características tão peculiares como o semiárido baiano.

5. PARA REFLETIR...

Um dos principais objetivos do turismo sertanejo é resgatar e incentivar a identidade cultural local (SEABRA, 2003) e isso só irá acontecer se as memórias e as histórias de um povo forem fortalecidas através de suas manifestações artísticas, seja pelas suas músicas, danças, culinária, etc.

Fomentar o turismo a partir do entendimento das memórias e histórias de um povo é considerar que aquilo que a comunidade entende como fundamental e representativo da simbologia local, precisa ser mantido como valorização das características da própria comunidade. Esta é a proposta de reflexão deste trabalho.

Em suma, já que a cultura de um povo, através das suas memórias e identidades, é dotada de diversos símbolos que compõe a totalidade da comunidade, muitas vezes é importante preservá-los durante as várias gerações, através da consciência da própria identidade e da valorização dos elementos simbólicos que integram seu cotidiano. Assim, o turismo auxiliará não somente no desenvolvimento econômico, mas, também, nos aspectos socioculturais destes municípios.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JR, D. M. de. **A Invenção do Nordeste e Outras Artes**. São Paulo: Cortez, 2004.

ALMEIDA, M. G. **Desafios e possibilidades de planejar o turismo cultural**. In: SEABRA, G. “Turismo de base local: identidade cultural e desenvolvimento regional.” João Pessoa: UFPB, 2007.

BOSI, E. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.

CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade.** 4º ed. São Paulo: EDUSP 2008.

CÉSAR, C. De uns tempos pra cá. Intérprete: Chico César. In: CHICO CÉSAR. **Chico César: cantos e encontros de uns tempos pra cá.** São Paulo: Chita discos, 2006. DVD. Faixa 05.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 11º ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LE GOFF, J. **História e memória.** Campinas, SP: UNICAMP, 1990.

MENEZES, U. T. B. de. **A crise da Memória, História e Documento: reflexões para um tempo de transformações.** In: Zélia Lopes da Silva (org.) Arquivos, patrimônio e memória. Trajetórias e perspectivas. São Paulo: UNESP/FAPESP, 1999.

NORA, P. **Entre Memória e História – a problemática dos lugares.** In: Revista Proj. História. Vol. 10, Dez. São Paulo, 1993.

POLLAK, M. **Memória, Esquecimento, Silêncio.** In: Revista Estudos históricos, vol. 2, n.3. Rio de Janeiro, 1989.

SEABRA, G. **Turismo sertanejo – a cultura regional e o desenvolvimento local.** In: SEABRA, G. “Turismo de base local: identidade cultural e desenvolvimento regional.” João Pessoa: UFPB, 2007.

_____. O turismo sertanejo como alternativa econômica para o semi-árido. In: **Revista Pasos: revista de turismo y patrimonio cultural**, vol. 1, nº 2, p. 137-143, 2003. Disponível em <www.pasosonline.org> Acessado em 20/04/2009.

VITAL, F. Sete Cantigas para voar. Intérpretes: Vital Farias; Geraldo Azevedo; Xangai. In: ELOMAR; GERALDO AZEVEDO; VITAL FARIAS; XANGAI. **Cantoria 1.** Salvador: Kuarup, 1985. CD. Faixa 03.